

Incomunicação e cultura do ouvir*



José Eugenio de O. Menezes

*Doutor em Ciências da Comunicação (ECA-USP)
Professor, editor da revista *Communicare* e Coordenador
do Centro Interdisciplinar de Pesquisa (CIP) da Faculdade
Cáspér Líbero
E-mail: jeomenezes@facasper.com.br*

Resumo: A convivência com aparatos comunicativos de características nulodimensionais, descrita por Vilém Flusser, desafia-nos à reflexão sobre a sensorialidade dos corpos. No contexto contemporâneo, caracterizado pelo enfraquecimento dos vínculos comunicativos, o estudo dos chamados meios de comunicação permanece limitado quando não são considerados os horizontes da experiência corpórea. Em busca de pistas para a potencialização dos processos de vinculação, observamos alguns aspectos da cultura do ouvir e, na linha de Dietmar Kamper, pensamos na possibilidade de se questionar a fixação espacial do olho, reforçando-se as capacidades do ouvido.

Palavras-chave: comunicação, incomunicação, vínculos, cultura, ouvir, teoria da mídia.

Incomunicación y cultura del oír

Resumen: La convivencia con aparatos comunicativos de características nulodimensionales, descrita por Vilém Flusser, nos desafia a la reflexión sobre la sensorialidad de los cuerpos. En el contexto contemporáneo, caracterizado por la debilitación de los vínculos comunicativos, el estudio de los llamados medios de comunicación permanece limitado cuando no son considerados los horizontes de la experiencia corpórea. En la búsqueda de pistas para la potencialización de los procesos de vinculación, observamos algunos aspectos de la cultura del oír y, en la línea de Dietmar Kamper, pensamos en la posibilidad de cuestionarse la fijación especial del ojo, reforzándose las capacidades del oído.

Palabras clave: comunicación, incomunicación, vínculos, cultura, oír, teoría de los medios.

Incommunication and the culture of listening

Abstract: According to Vilém Flusser, living with communicative devices of null-dimensional characteristics bring us to a challenge: to reflect on the bodies sensory. In the contemporary context, characterized by the weakening of communicative bonds, the study of what are called media studies remains limited when the horizons of body experience are not considered. In search for clues for the evolution of potentiality of the communication bonds processes it is observed that there are some aspects of the culture of listening and, as detailed by Dietmar Kamper, this make us to think about the possibility of questioning about the eye space fixation, strengthening the ear capabilities.

Key words: communication, incommunication, bonds, culture, listening, media theory.

A reflexão a respeito de comunicação e incomunicação é marcada por uma leitura complexa dos processos de comunicação. Ao contrário dos modelos funcionalistas, voltados para a quantitativa eficiência bélica de emissores que atingem um público-alvo, estamos no campo do imprevisível tecido de redes de comunicação. Se, na primeira metade do século XX, no contexto de uma comunicação linear, o desenvolvimento dos meios eletrônicos de comunicação foi estudado com categorias de estímulo e resposta, atualmente somos desafiados a pensar em categorias que envolvam redes de vínculos entre os corpos.

Antes e depois dos aparatos técnicos

A exigência de novos enfoques científicos emerge no contexto de uma mudança de paradigmas nas chamadas Ciências Sociais Aplicadas, entre elas a Comunicação. Como vivemos em um sistema em transformação, nem sempre percebemos, na práxis, certos elementos que teoricamente já observamos. A saber, a passagem do pensamento racional,

* Texto apresentado no 3º Encontro Internacional Comunicação, Cultura e Mídia, promovido pelo Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia (CISC).

analítico, reducionista e linear para o pensamento intuitivo, marcado pela síntese, pela perspectiva holística e postura não-linear¹. A compreensão das mudanças não pode se limitar aos processos de vinculação pelo corpo ou a interação entre corpos e meios técnicos, mas ao conjunto do que o físico Fritjof Capra chama de “uma nova compreensão científica dos sistemas vivos” (1996:27). Vivemos no contexto da passagem de uma perspectiva racionalista para uma perspectiva compreensivo-complexa, conforme apontada por pensadores contemporâneos como Gregory Bateson², Dietmar Kamper e Edgar Morin.

Observando os limites das teorias da comunicação que contemplam o funcionamento dos aparatos³, elaboradas para aumentar a objetividade e eficiência dos meios técnicos, buscamos uma outra perspectiva. Com o jornalista e teórico Harry Pross encontramos uma teoria da mídia que considera que toda comunicação começa no corpo, “na mídia primária, na qual os indivíduos se encontram cara a cara, corporalmente e imediatamente, e toda comunicação retorna para lá” (Pross, 1972:128, apud Baitello 2005:71). Uma teoria que destaca os vínculos diretos entre os corpos ou vínculos entre corpos antes e depois dos equipamentos.

Nesse contexto vinculador, percebemos que o corpo permite a apropriação do espaço e do tempo de vida pessoal, o compartilhamento do espaço e do tempo com outros sujeitos e, na medida em que crescem os vínculos

materiais ou simbólicos, na medida em que se complexifica a comunicação, a apropriação do espaço e do tempo de vida dos outros⁴.

Uma vez que a perspectiva racional cartesiana moldou a história dos estudos de comunicação, observamos o crescimento do que o filósofo tcheco Vilém Flusser (1920-1991) chamou de escalada da abstração. O autor mapeou o crescimento da abstração na medida em que experimentamos a comunicação tridimensional (com o corpo), a comunicação bidimensional (as imagens), a comunicação unidimensional (o traço e a linha da escrita) e a comunicação nulodimensional (o número, os algoritmos das imagens técnicas)⁵. Ao fazer isso, o autor não pretendeu catalogar todos os processos comunicativos, mas indicar o que ganhamos e o que perdemos no trânsito entre os diferentes processos.

Vivendo nos entremeios da comunicação tridimensional, bidimensional, unidimensional e nulodimensional, observamos que não se trata apenas de denunciarmos os problemas de incomunicação presentes nas mediações eletrônicas, uma vez que os desafios das “irmãs gêmeas”, comunicação e incomunicação, estão presentes tanto na comunicação direta entre os corpos como na comunicação mediada por aparatos. Não se trata de sonharmos com uma volta a uma comunicação predominantemente tridimensional, mas de transitarmos entre processos de vinculação ora mais próximos do corpo e ora mais próximos das mediações nulodimensionais.

Conversação e conversa fiada

A escalada da abstração permite, no contexto da comunicação nulodimensional, que o corpo seja reconhecido através do número de carteira de identidade, dígitos de conta

¹ As mudanças destacadas estão presentes especialmente no contexto da ecologia. Capra observa que, na cultura industrial ocidental, ainda enfatizamos as tendências auto-afirmativas (racional, análise, reducionista e linear) em detrimento das tendências integrativas (intuitivo, síntese, holístico e não-linear). Neste contexto, o autor também descreve a importância dada aos valores auto-afirmativos (expansão, competição, quantidade e dominação) em detrimento dos valores integrativos (conservação, cooperação, qualidade e parceria) (1966:70).

² Gregory Bateson (1904-1980) articulou sua formação interdisciplinar em biologia, antropologia e psiquiatria para compreender a comunicação humana (Winkin, 1998). Dietmar Kamper (1936-2001), professor da Universidade Livre de Berlim, é considerado o criador da antropologia histórica e conhecido por pesquisas na área da sociologia do corpo e ecologia da imagem (Wulf, 2001).

³ Utilizamos o termo aparato(s) como sinônimo de meios técnicos, no sentido de conjunto de instrumentos ou equipamentos empregados como mediação nos processos de comunicação.

⁴ O estudo a respeito da comunicação como apropriação do espaço-tempo pode ser encontrado no texto “Os vínculos e a comunicação. Vínculos e complexidade: comunicação, mídia e cultura”, de Norval Baitello (2005: 69-79).

⁵ Cf. Menezes, José Eugênio. “Pesquisa científica: uma construção coletiva”. *Communicare*, vol. 5, n. 2, 2º sem. de 2005, pp. 9-11.

bancária ou *pixels* de uma imagem técnica bem definida.

Com a crescente racionalização, reduzimos a importância do ouvir, do tato e do olfato. Segundo o psiquiatra colombiano Luis Carlos Restrepo, na obra *Direito à ternura*, o próprio Immanuel Kant (1724-1804), em suas lições de antropologia pragmática, queixava-se da existência do olfato e o considerava um sentido supérfluo; esquecia-se de que estamos imbuídos no odor e que o odor “não permite exterioridade nem distância”, integrando uma forma de conhecimento que não separa o sujeito cognoscente do objeto conhecido.

Na mesma linha, percebemos que estamos envolvidos no mundo dos sons, imersos em um ambiente de vínculos sonoros. No universo da cultura do ouvir, na linha do que já enfatizou o antropólogo norte-americano Ray Birdwhistell (1918-1994), devemos falar de “participação na comunicação” em vez de “comunicação com”. “Um indivíduo não comunica, ele participa de uma comunicação ou se torna um elemento dela. Pode mover-se, fazer barulho..., mas não comunica. Em outras palavras, ele não é o autor da comunicação, ele participa dela” (Birdwhistell *apud* Winkin, 1998:80).

Se, com o antropólogo inglês Ashley Montagu (1905-1999), em *Tocar: o significado humano da pele*, aprendemos que “as sensações táteis tornam-se percepções táteis segundo os significados dos quais foram investidos pela experiência” (1998:379), no contexto do trânsito entre comunicação tridimensional entre corpos - que se tocam, falam e ouvem - e a comunicação nulodimensional da digitalização fica patente o crescimento da abstração. Assim, quanto mais abstração, menos corpo, menos toque e audição, para nos limitarmos, por hora, a dois dos sentidos.

Aqui lembramos as contribuições da antropologia dos sentidos, estudada pelo filósofo alemão Helmuth Plessner (1892-1985), que destaca a importância da audição e mostra que se, “pelo tato, sente-se somente dentro de si próprio, dentro do órgão; a visão nos coloca longe de nós mesmos; a audição se encontra no meio, como mediadora” (1997:1-44).

Os sons digitalizados e disponíveis na rede mundial de computadores ou nos *podcasts* ampliam os sons que os corpos, na perspectiva tridimensional, precisam emitir ou ouvir para satisfazer suas carências. A decodificação dos dígitos nulodimensionais e a consequente audição, por meio dos precários alto-falantes que ficam ao lado dos computadores, reconstroem paisagens sonoras que permitem aos corpos a localização no intervalo entre coisas e indivíduos.



O filósofo austríaco Martin Buber faz-nos perceber que, na vinculação, o outro deixa de ser uma “coisa” para se tornar um “tu”

Essa localização entre coisas e indivíduos lembra-nos que nos constituímos como pessoas nos processos relacionais. Essa questão, abordada pelo filósofo austríaco Martin Buber (1878-1965), na obra *Eu e tu*, publicada em 1922, faz-nos perceber que, na vinculação, o outro deixa de ser uma “coisa” para se tornar um “tu”⁶. Tal postura dialógica, mesmo considerando que o diálogo “é uma situação relativamente rara e preciosa” (Flusser, 1998:100), nos leva a considerar o intermundo ou, nas palavras de Merleau-Ponty⁷, a importância das “superfícies de contato”, onde “os outros são um prolongamento de mim, parte de um sistema, eu e eles somos um todo” (1999:471).

⁶ Em depoimento a Michael Kanke, Edith Flusser registrou que ela e Vilém Flusser (1920-1991) participaram de uma palestra proferida por Martin Buber, em Praga, quando tinham 16 anos.

⁷ O corpo, para Merleau-Ponty (1908-1961), não é o corpo da ciência, o corpo anatômico. Na leitura de Ciro Marcondes Filho, o filósofo francês Merleau-Ponty utiliza o termo corpo de forma especial, chama de “corpo próprio, ou corpo fenomenal, aberto ao mundo e aos outros corpos, portador de sentido e jamais excluído do campo de significação pelas formas superiores de linguagem” (Marcondes Filho, 2004:79).

A situação de diálogo supõe, segundo Flusser, que dois ou mais sistemas troquem informações por um canal comunicante; no caso, os sistemas em diálogo são pessoas, as informações são sentenças e o canal é uma língua.

Para o filósofo, a situação exige algumas condições prévias: “(a) os sistemas não podem ser idênticos ou muito semelhantes; (b) os sistemas não podem ser inteiramente ou quase inteiramente diferentes; (c) um dos sistemas não pode englobar ou quase englobar o outro; (d) os sistemas devem estar abertos um para o outro” (Flusser, 1998:100).

Analisando essas condições, o autor mostra que o diálogo não acontece quando uma das condições não se coloca. A incomunicabilidade entre pessoas muito próximas, que nada tem a dizer uma à outra, indica o primeiro caso em que “a troca de informações assimilou dois sistemas a ponto de identificá-los”. A incomunicabilidade entre um esquimó e um baluba ilustra o segundo caso, em que “nenhuma sentença emitida é captada pelo receptor” ou toda sentença se transforma em ruído. A chamada incomunicabilidade entre gerações mostra que o diálogo se transforma em discurso na medida em que um sistema pretende englobar o outro. Por fim, Flusser dá um exemplo do fechamento unilateral ou mútuo quando um dos sistemas, ou ambos, “interrompe o canal comunicante”, como acontecia no contexto do muro de Berlim.

A relação entre comunicação e incomunicabilidade pode ser observada quando a conversa fiada substitui a conversação. Flusser analisou a questão em *Língua e realidade*.

A fisiologia da língua, isto é, o estudo dos processos lingüísticos, revela que ela consiste de diversas camadas de realização, ou de autenticidade. Surge do potencial inalcançável e condensa-se através das camadas do balbuciar, da salada de palavras e da conversa fiada até realizar-se, isto é, formar intelectos que aprendem, compreendem e articulam, na camada da conversação (Flusser, 2004:184).

Para Flusser, no meio do exército de intelectos em conversação, os pioneiros são os poetas e os postos avançados são os mestres da oração, que estendem em “todas as direções, o território da realidade, conquistando-o ao nada” (2004:184).

Trânsitos sonoros entre corpos e aparatos

No universo da conversação, como já observou Joachim-Ernst Berendt⁸, percebemos que o homem moderno não consegue ouvir⁹; experimentamos que o âmbito da visão é a superfície, ao contrário do âmbito da profundidade que caracteriza a audição. Na superfície, ficamos com as características bidimensionais das imagens, ao passo que, na profundidade, somos novamente remetidos à tridimensionalidade do corpo.

Berendt enfatiza que, mesmo quando ouvimos algo superficialmente, “há maior penetração do que quando apenas vemos alguma coisa. A pessoa que ouve tem mais oportunidades de aprofundar-se do que aquela que apenas vê” (1997:21). Por isso, no contexto de uma nova consciência a respeito do corpo e da cultura do ouvir, o autor propõe que o homem deve aprender a ser um ouvinte para ir além da atual hipertrofia da visão. Mostra a necessidade de substituir-se a agressividade do olhar pela receptividade do ouvido.

Na cultura do ouvir, destacamos a importância do rádio, na versão tradicional de ondas eletromagnéticas ou na versão digital da internet, como construtor de paisagens sonoras que pontuam os cenários que se impõem sobre nós no contexto urbano. “A mensagem do rádio é ouçam”, como afirmou Berendt a

⁸ Joachim-Ernst Berendt, crítico de jazz e produtor de discos e de programas de rádio, estudou a proposição hindu “o mundo é som” (*Nada Brahma* em sânscrito clássico) no livro *Nada brahma: a música e o universo da consciência*.

⁹ Christoph Wulf, na versão italiana do seu *Handbuch Historischer Antropologie*, analisa a relação entre o olho e o ouvido: “A differenza dell’occhio, capace di una percezione altamente centrata, le percezioni dell’orecchio sono diffuse. L’orecchio può differenziare le sua percezioni più difficilmente dell’occhio, che percepisce il rapporto reciproco degli oggetti e può direzionarsi sulle parti senza perdere la visione dell’insieme” (Wulf, 2001:464).

partir da concepção de que o meio é a mensagem, proposta pelo comunicólogo canadense Marshall McLuhan (1911-1980).

Voltadas ao universo do tempo que exige investimentos, as emissoras de rádio, muitas vezes, se contentam em acompanhar a velocidade dos fatos e das notícias, sem uma devida atenção para a importância das narrativas permitidas pelo mundo dos sons. Mesmo assim, pequenos exemplos de narrativas radiofônicas hoje revelam a necessidade de contar as histórias, sem limpar todos os sons que, mais que atrapalhar a definição da qualidade sonora, na verdade, a enriquecem quando captam a riqueza de cenário sonoro.

Quando um repórter capta uma paisagem sonora¹⁰, opera com sons que exigem ouvidos, mais que olhos penetrantes¹¹. Como pequeno exercício de ouvir e do partilhar um cenário para os ouvintes, destacamos uma paisagem sonora que registrou a comemoração do Dia Nacional do Samba – 2 de dezembro de 2005 – numa festa carioca, conhecida como Trem do Samba ou Pagode do Trem. A paisagem sonora foi ao ar no dia 7 de dezembro de 2005, no quadro Dandaras, apresentado na Rádio Gazeta AM 890, durante o jornal da Rádio Universitária da Faculdade Cásper Líbero.

Cíntia Gomes, que durante a apresentação do quadro dialoga com a apresentadora Gabriela Watson, literalmente leva o ouvinte para dentro do trem e conta como os grupos de samba se concentram na plataforma da Central do Brasil e pegam o trem até Oswaldo Cruz, na zona norte carioca, “cantando, dançando e fazendo a maior festa”. Enquanto conta que 35 rodas de samba, distribuídas em cinco trens, participaram da festa em 2005,

¹⁰ O músico e radiomaker canadense R. Murray Schafer define paisagem sonora no seu livro *A afinação do mundo*. “Paisagem sonora ou ambiente sonoro. Tecnicamente, qualquer porção do ambiente sonoro pode ser vista como um campo de estudos. O termo pode se referir a ambientes reais ou a construções abstratas, como composições musicais e montagens de fitas, em particular quando consideradas como um ambiente” (2001:366).

¹¹ Berendt mostra que o símbolo máximo da acuidade visual é a água que escolhe sua presa, diferente do ouvido, que se parece com uma concha com receptividade e abertura. E não deixa de lembrar que a mesma água aparece como símbolo nacional nas armas e brasões de Estados e cidades (1997:178).

ouve a sambista Wilma Trindade no vagão do Pagode do Nelsinho, organizado por ela e por amigos de Marechal Hermes e Bento Ribeiro. Wilma narra a história do tempo em que, dez anos antes, o Trem do Samba era proibido e perseguido.



É necessário não nos limitarmos ao campo da agressividade do olhar, para cultivarmos a receptividade do ouvido

A repórter conduz o ouvinte pelo ouvido, dá a palavra ao percussionista Andrezão do Cacique de Ramos e, depois, a Márcia Moura do grupo Condomínio do Samba. Márcia é considerada a sucessora da partideira Jovelina Pérola Negra¹², por ser a única mulher a fazer partido alto no Brasil, ou seja, fazer versos de improviso. Em seguida, coloca o ouvinte praticamente dentro do trem e o presenteia com a performance de Márcia Moura improvisando versos com Leandro Gomes.

Os trens circularam, como lembramos acima, no dia 2 de dezembro. A paisagem sonora foi ao ar no quadro Dandaras, em 7 de dezembro e ficou disponível por alguns meses no site da Rádio Universitária. Ao narrar histórias, as responsáveis pelo quadro Dandaras¹³ possibilitam trânsitos entre a paisagem sonora carioca e o ambiente em que um paulista pode ouvir o Trem do Samba.

O quadro Dandaras, de forma experimen-

¹² Jovelina Pérola Negra é o nome artístico da cantora e compositora carioca Jovelina Farias Delford (1944-1998).

¹³ O quadro, produzido por Gabriela Watson – estudante de Rádio e Televisão – e por Cíntia Gomes e Paola Prandini – estudantes de Jornalismo –, é veiculado às sextas-feiras, nas duas edições do Jornal Universitário da Rádio Gazeta AM 890. A palavra “Dandaras” é uma homenagem a *Dandara*, esposa de Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares.

tal, expressa o trânsito sonoro entre corpos e aparatos. Ao ritmo alegre¹⁴ do samba, corpos se misturam no trem diante do ouvido atento da repórter¹⁵; capturados por um gravador, transitam entre aparelhos emissores e receptores, sem compromisso com o tempo e o espaço circunscritos do calendário, circulam pelo ambiente digital da rede e vinculam os ouvintes ao Trem do Samba. Mesmo quem ouve com os limites da qualidade sonora dos computadores reconstrói, em sua casa ou ambiente de trabalho, a perspectiva tridimensional do acontecimento que envolveu corpos em movimento. Estamos no trânsito sonoro entre corpos e aparatos; estamos também no trânsito entre o tridimensional do cenário e o unidimensional dos *bits* partilhados por quem ouve o Trem do Samba na rede de computadores.

Inconclusões: o reforço das qualidades do ouvido

Ao reforçarmos a importância do ouvir, especulamos a respeito da relação entre a orelha e o ponto de interrogação, como propôs Michel Serres (1990:175). É possível que o resgate e o estudo da cultura do ouvir nos

ajudem a conservar a postura de interrogação – a manter a importância dos vínculos sonoros, nos trânsitos entre comunicação e incomunicação.

Se, como encontramos em Berendt, o símbolo dos ouvidos é a concha receptiva e acolhedora, nos entremeios do mundo tridimensional e da sua versão nulodimensional, observamos a necessidade de não nos limitarmos ao campo da agressividade do olhar, para cultivarmos a receptividade do ouvido. Receptividade que inclui o desafio de contemplar a importância, por exemplo, do silêncio na nossa memória auditiva¹⁶, nos processos de comunicação e incomunicação.

Ao concluirmos estas reflexões sobre incomunicação e cultura do ouvir, percebemos mais uma vez o desafio deixado por Dietmar Kamper, quando falou a respeito da fixação espacial do olho e da necessidade de reforçar as capacidades do ouvido. Não basta percebermos a superação dos modelos lineares de comunicação por modelos orquestrais; entre os desafios atuais está a busca das raízes das técnicas do ver e do ouvir, para a compreensão de como podemos ver e ouvir no momento em que captamos sinais de uma cultura do ouvir¹⁷.

¹⁴ Recentemente, na obra *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*, Muniz Sodré apontou o sentido da alegria na cosmovisão afro-brasileira. Nesse contexto, mostrou que a “alegria reduz a zero a abstração”, integra um regime sensível em que se experimenta o vigor do tempo presente e se entra em comunhão com o real. Enfatiza que “esta experiência prescinde de qualquer racionalização, exige tão-só a capacidade de sentir” (2006: 205). Acrescentamos: exige especialmente a capacidade de ouvir.

¹⁵ O jornalista Moisés Rabinovich, um dos especialistas no campo do jornalismo literário, enfatiza que os correspondentes de guerra, por atuarem em situações de risco, “escrevem com a pele” (2006:29). Podemos, parafraseando Rabinovich, dizer que um repórter que experimenta uma paisagem sonora também coloca toda sua pele no contexto da narrativa. Nas palavras de Walter Benjamin, a narrativa “mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (1994:205).

¹⁶ O músico, compositor e instrumentista Egberto Gismonti, na obra *Sobre o silêncio*, organizada por Andréa Bomfim Perdigão, argumenta que a maior memória que o ser humano tem é a auditiva, porque ela contém o maior número de informações relacionais (Perdigão, 2005:178).

¹⁷ “Em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir” é o subtítulo da obra *Arqueologia da mídia*, de Siegfried Zielinski, traduzida por Carlos D. Szlake, que acaba de ser publicada no Brasil.

Referências

- BAITELLO Jr., Norval. *A era da iconofagia: ensaios de comunicação e cultura*. São Paulo: Annablume, 2005.
- BAITELLO Jr., N. e outros (orgs). *Os meios da incomunicação*. São Paulo: Annablume, 2005.
- BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política*. Obras Escolhidas. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp. 197-221.
- BERENDT, Joachim-Ernst. *Nada Brahma: die Welt ist Klang*. Trad. Bras. Nada Brahma: a música e o universo da consciência. Tradução de Zilda Schild e Clemente Raphael Mahl. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BUBER, Martin. *Eu e tu*. Tradução, introdução e notas de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2003.
- CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- _____. *Língua e realidade*. São Paulo: Annablume, 2004.
- FLUSSER, Vilém. *Ficções filosóficas*. São Paulo: Edusp, 1998.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Até que ponto, de fato, nos comunicamos?* São Paulo: Paulus, 2004.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MONTAGU, Ashley. *Tocar: o significado humano da pele*. São Paulo: Summus, 1998.
- PERDIGÃO, Andréa Bomfim. *Sobre o silêncio*. São José dos Campos: Pulso, 2005.
- PLESSNER, H. “Antropologia dos sentidos”. In: GADAMER & VOGLER (org.). *Nova antropologia: o homem em sua existência biológica, social e cultural*. São Paulo: Edusp/EPU, 1997.
- PROSS, Harry e ROMANO, Vicente. *Atrapados en la red mediática: orientación en la diversidad*. Hondarribia: Argitaletxe Hiru, 1999.
- RABINOVICH, Moisés. “Correspondente velho de guerra”. *Imprensa*. São Paulo, n° 216, set. 2006, p. 29.
- RESTREPO, Luis Carlos. *O direito a ternura*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.
- ZIELINSK, Siegfried. *Arqueologia da mídia: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir*. São Paulo: Annablume, 2006.
- WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Organização e apresentação de Etienne Samain. São Paulo: Papirus, 1998.
- WULF, Christoph e BORSARI, Andrea (Orgs.). *Cosmo, corpo, cultura: enciclopedia antropológica*. Milano: Bruno Mondadori, 2001.